

PROLOGO

Um grito de desespero escapou de meus lábios após presenciar aterradora cena diante de meus olhos. O cheiro do sangue, ainda fresco em minhas narinas, contorcia meu estômago, ameaçando quaisquer resquícios de comida ainda presentes lá. O líquido viscoso e vermelho normalmente não me incomodava. Eu o via regularmente em minhas missões. O que o tornava perturbador era o fato de ser meu.

O corpo sem vida, estendido no chão, era praticamente irreconhecível na pilha de sangue que o cobria. O pescoço, dilacerado, inclinava a cabeça para o lado direito, em um ângulo obtuso e anormal. Aterrorizados, os olhos contavam a história de alguém que lutara, mas fora incapaz de vencer. Novamente, eu havia perdido.

Todos os dias, eu era assassinada. Em alguns casos, mais do que uma vez em um período de vinte e quatro horas. O acontecimento sempre vinha acompanhado de intensa dor e sofrimento. Vivenciando cada minuto até meu último suspiro em um único flash, transformava minha vida em um pesadelo ambulante.

O que começara como uma simples missão, tornara-se uma luta pela vida, onde eu era incapaz de acreditar em um final feliz.

CAPITULO UM

Alyssa caminhava pelo centro da cidade de São Paulo, sem rumo. Seus cabelos loiros, bem oleosos pela falta de cuidado, estavam presos em um coque. Os olhos verdes, perdiam seu brilho pelas noites mal dormidas. Qualquer um que a observasse veria uma moradora de rua, de roupas sujas e maltratadas, que parecia drogada ou doente pela sua aparência pálida e sem vida. Esta, no entanto, não era sua história.

Cada minuto vivido era uma bênção para alguém que sabia que a morte se aproximava. Apesar de parecer impossível evitá-la, a mulher continuava sua fuga, agarrando nos últimos resquícios de vida que ainda lhe restavam. Sua decisão parecia capaz de nada além de retardar o resultado final: sua morte.

De certa forma, era irônico sentir medo daquilo que fazia parte de seu trabalho. Sendo uma assassina de aluguel, Alyssa lidava com a sombria convidada em todas as suas missões. Ela a chamava, dando-lhe a alma de seu alvo, sem culpa ou dúvida. Agora, era capaz de sentir a foice roçando seu pescoço e a doce voz da dama de negro chamando-a, tentando tomá-la para si.

Tudo começara com uma simples tarefa. Uma grande quantia de dinheiro foi depositada em sua conta para que matasse um empresário importante. Ela conhecia bem o nome: Trian Callaghan. Poucos na grande metrópole não o conheciam. Ele era um solteirão charmoso e bem sucedido. Seus negócios cobriam boa parte das indústrias que influenciavam o país. Siderurgia, energia, petroquímica, tabaco... até mesmo em serviços seu nome o precedia. Possuía sua própria firma de advocacia, com uma porcentagem de casos ganhos de dar inveja a qualquer um.

Experiente, Alyssa se preparara durante algumas semanas antes de executar o plano que fora delineado com muito cuidado. O que não esperava, no entanto, era encontrar um monstro. Trian fitou-a surpreso quando a bala atingiu seu peito, exatamente onde seu coração deveria estar. Nada aconteceu. O homem continuou de pé

Caso queira dar sua opinião ou ser notificado quando esta obra for atualizada, envie um e-mail

para: larissa@larissacaruso.com

enquanto um sorriso formou-se em seu rosto. O ferimento fechou-se diante de seus olhos, deixando somente o buraco da bala em camisa social.

Desesperada, a assassina correu. Desde então, estava fugindo. Já haviam se passado três dias e nada que fizesse o despistava. Tentara alcançar os diversos aeroportos para sair da cidade, mas todos estavam sendo monitorados. Sua única saída era vagar sem rumo pelas ruas, evitando que seus perseguidores a encontrassem.

Aproximando-se de uma lanchonete na Avenida Rudge, Alyssa decidiu que recuperaria suas forças com um rápido jantar. Não poderia levar muito tempo. A princípio, era capaz de descansar por horas antes de ser obrigada a continuar sua fuga. Até isto havia mudado no último dia. Nada além de minutos era-lhe permitido.

Escolhendo um sanduiche natural já pronto dentro de uma cesta, dirigiu-se para a fila do caixa. Sabendo que logo seu tempo se esgotaria, não perdeu tempo com formalidades. O plástico que embalava sua comida se encontrou na lata de lixo antes mesmo de pagar por seu jantar.

Em cada minuto que passava, parecia que a morte tornava-se ainda mais inevitável. Os perseguidores a seguiam em todos os cantos, capazes de encontrá-la sem dificuldade e de alcançá-la rapidamente, independente da distância que os separava. Não sabia o que pensar. Era ele um demônio? Algum tipo de ser imortal? O mistério não a assustava, mas sim a atraía. Uma pessoa normal ficaria apavorada. Ela, no entanto, não era normal. Seu único desejo era viver... o suficiente para desvendar o segredo destes homens. A ferramenta para tal feito ela já possuía.

Assim que tocou a carteira para pagar pela rápida refeição, o mundo congelou ao seu redor. Uma luz branca a engoliu e seus pés perderam o chão. Ela já conhecia bem aquela sensação, e por isso, aguardou calmamente até que sua visão retornasse.

O bairro onde me encontrava ainda era o mesmo. A diferença era que eu estava alguns blocos para frente, cruzando uma pequena rua deserta. O que veria não seria bom, nunca era. Toda vez procurava me preparar mentalmente para o que aconteceria, no entanto, a dor e o sofrimento ainda me abalavam.

Enquanto caminhava na calçada da avenida movimentada, observava meus arredores com cuidado, procurando meus inimigos. Eu sabia que viriam. Sempre chegavam, de maneira inesperada, cercando-me como uma presa fácil.

Vinda de trás, uma mão agarrou meu braço direito, imobilizando-me facilmente contra seu gélido corpo. Uma dor aguda espalhou-se por meu corpo, vinda de onde seus dedos tocaram minha pele. Examinando o local, notei que minhas veias tornaram-se negras como a noite, mortas por aquele toque pestilento.

Senti um grito se formar na garganta, mas antes que pudesse liberá-lo, o homem que me segurava gesticulou com seu dedo indicador para que permanecesse em silêncio. Imediatamente, minha boca calou-se, incapaz de produzir sequer um som. Seu companheiro apareceu diante de meus olhos, observando meu sofrimento com um sorriso sombrio em seu rosto. Apesar de focar em suas faces, procurando ver suas feições, via somente uma silhueta negra provida de dois olhos e uma boca, sem maiores detalhes.

Outro homem apareceu diante de mim, sorrindo triunfantemente. Mesmo sendo incapaz de ver seu rosto, conseguia reconhecê-lo. Este era Trian Callaghan, meu alvo, meu mais poderoso inimigo. Seu cheiro amadeirado penetrava em minhas narinas,

Caso queira dar sua opinião ou ser notificado quando esta obra for atualizada, envie um e-mail

para: larissa@larissacaruso.com

causando-me arrepios na nuca. Cada passo que ele dava em minha direção, fazia com que eu ansiasse tê-lo mais próximo. Eu o queria, o desejava. Um calor formou-se dentro de mim, intensificando as batidas de meu coração. Toda a dor do toque maldito de seu subordinado desaparecera, esquecida pela lascívia que me dominava.

Parando somente alguns centímetros de distancia, observou-me com curiosidade e desdém. Seu olhar parecia entretido e faminto ao mesmo tempo. Imediatamente, inclinei a cabeça para o lado, deixando meu pescoço a amostra. Eu sabia no que tal ação resultaria, no entanto, só conseguia pensar no prazer que sentiria segundos antes de ter minha vida tomada por ele. Trian deixou que seus lábios encontrassem minha pele, fazendo com que eu gemesse levemente. Apesar de saber que morreria, continuava a ansiar por seu toque.

Caninos afiados cravaram-se em meu pescoço e estremei. Enquanto meu corpo recusava-se a entender o óbvio, minha mente procurava desesperadamente uma saída daquela situação. Adrenalina inundou minhas veias, dominando o desejo que se recusava a recuar. Alcançando minha arma escondida na cintura, atirei uma, duas, três vezes contra o peito de meu predador.

O homem deu alguns passos para trás, limpando o sangue de seus lábios com um rápido movimento de sua língua. Copiei o gesto, desejando loucamente por maior proximidade.

– Não resista. – ordenou ele, com sua voz doce e melódica.

Meus dedos perderam sua força, deixando que a arma caísse no chão. Trian retomou sua posição enquanto os ferimentos fechavam-se diante de meus olhos. Novamente, senti seus lábios tocarem minha pele, mas dessa vez, ao invés de me morder, ele sugou o sangue que escorria da ferida criada em meu pescoço. Minha mente continuava a gritar, procurando tomar controle de minhas ações novamente. A força vital de meu corpo, aos poucos, deixava-me...

Subitamente, Alyssa sentiu algo a chacoalhando de volta para realidade. Ela estava novamente na lanchonete. O som da voz do caixa pedindo para que ela pagasse por seu lanche a acordou. Uma premonição. Mais uma vez, ela havia visto sua morte. Seus inimigos a venceriam se não saísse de lá o mais rápido possível.

Deixando dinheiro o suficiente para cobrir seu jantar, a mulher saiu do estabelecimento. Apressadamente, caminhou até próximo a rua, sinalizando para o primeiro táxi que avistou.

– Dirija para longe daqui. – pediu a passageira, demonstrando desespero em sua voz.

O motorista pareceu confuso por um momento, mas logo seguiu o comando da mulher. Distraída, ela observou a janela, procurando recuperar-se de sua visão. Ela ainda conseguia sentir seus ferimentos, a fraqueza de seu sangue sendo drenado. Sabia que não encontraria nenhum machucado se tocasse sua pele, mas mesmo assim, o fez.

Levando uma mão ao pescoço, ponderou o que faria. As visões aconteciam somente minutos antes de ações violentas direcionadas a ela ou aqueles que conhecia. Quanto mais ela fugia, mais suas premonições se intensificavam. Antes, horas se passavam entre uma e outra. Agora, ela se considerava com sorte se o espaçamento fosse maior que quinze minutos.

Caso queira dar sua opinião ou ser notificado quando esta obra for atualizada, envie um e-mail

para: larissa@larissacaruso.com

Ela não tinha a quem recorrer para pedir ajuda. O problema de sua profissão era o anonimato e a vida dupla que levava. Isto dificultava interações sociais e, por consequência, amigos. Não que ela realmente sentisse falta deste tipo de coisa. Era solitária por natureza, principalmente devido à maldição que a acompanhava desde pequena.

Fora abandonada, ainda bebê, num convento budista em Cotia. Os monges a adotaram com uma filha, ajudando-a a crescer de forma saudável. Apesar de todo o carinho dado por eles, nada conseguia acalmar a inquietação que crescia dentro dela cada ano que se passava. Para piorar a situação, visões violentas do futuro a deprimiam. Tentou um dia conversar com os monges, avisá-los dos perigos que ela havia visto em sua premonição. Desacreditada por todos, viu cada uma de suas visões tornar-se realidade.

A partir de então, era temida pelos homens que um dia a acolheram. Finalmente decidiu que o melhor seria sair daquele lugar, seguir com sua vida, sozinha. As ruas de São Paulo a ensinaram a usar seu dom para benefício próprio. Conseguia fugir das consequências de todas as suas más ações. Tudo se tornou mais fácil e mais...entediante.

Uma oportunidade finalmente apareceu para uma nova carreira: a de assassina de aluguel. Apesar de orar e meditar com os monges, nunca conseguira se firmar com a religião. Pior que isso, seu coração parecia morto. Dificilmente se apegava as pessoas ou ligava para seus problemas. Não se interessava pela história de seus alvos e a única piedade que oferecia era a de uma morte rápida. Valorizava somente sua própria vida.

Sua atenção retornou para o presente quando o taxista a chamou:

– Senhorita? Vamos pra onde? O taxímetro tá rodando.

Observando a vizinhança, percebeu que tinham deixado o centro. As ruas não eram mais familiares. O bairro era pobre, abandonado. Acreditou que talvez aqui, não seria encontrada.

– Pode me deixar aqui mesmo – pediu Alyssa, esperando estar certa.

Após deixar o carro, começou a caminhar sem rumo, observando as pequenas casas de tijolos, muitas vezes sem nenhuma pintura. Uma placa indicou que se encontrava na Zona Norte, em Pirituba. Não conhecia o lugar, mas sentia-se segura sendo uma das poucas na rua.

Já havia procurado abrigo dentre as multidões que circulavam diariamente na cidade. Nem isso impedira aqueles homens. Agora, só restava-lhe submeter-se ao silêncio, às ruas vazias e mal sinalizadas. Talvez esta era a melhor solução.

Com a mão levemente sobre a arma escondida na cintura, caminhava, observando os arredores cautelosamente. Pensava em como desvendar os segredos daqueles que a perseguiam com força e poder sobrenatural. Queria encontrar sua fraqueza, reverter este jogo. Afinal, ainda tinha uma missão a cumprir. Não havia desistido de matar seu alvo. Não era de seu feitio falhar.

Se ela ao menos conseguisse controlar suas premonições...tudo seria mais fácil. Teria mais tempo para planejar, mais informações para utilizar. As luzes ficavam cada vez mais precárias enquanto ela continuava sua jornada noite adentro. A lua, escondida sob densas nuvens, oferecia pouco conforto com seu brilho ofuscado.

De repente, um corvo pousou no chão próximo da esquina onde se encontrava. Com seus olhos negros, ele a fitava, observando cada passo dado. Alyssa pegou a arma e apontou para a criatura. Sentia-se tola por fazê-lo, mas não se arriscaria. Algo neste

Caso queira dar sua opinião ou ser notificado quando esta obra for atualizada, envie um e-mail

para: larissa@larissacaruso.com

cenário que gritava não a agradava. Destravando sua pistola, colocou o dedo sobre o gatilho, sem apertá-lo.

Uma leve brisa tocou seu rosto, deixando-a arrepiada. Antes que pudesse verificar sua retaguarda, uma voz suave murmurou em seu ouvido:

– Tarde demais.

Imediatamente, Alyssa virou-se de forma ágil, apontando a arma para o indivíduo. Nada. Franzindo o cenho, examinou o local onde pensou ter sentido algum tipo de presença. O corvo grasnou atrás dela, fazendo com que tornasse a virar. Podia sentir um aperto no coração, uma ansiedade que não era parte de si. Sentia medo. Normalmente era uma pessoa calma e composta. Emoções dificilmente a influenciavam.

Uma leve pontada atingiu sua têmpora. Era como se fosse um dedo penetrando em seu crânio, explorando sua mente. Levando a mão a cabeça, percebeu que sua visão tornava-se cada vez mais borrada enquanto tentava controlar aquela sensação. De alguma forma, sabia que procuravam enfraquecê-la, conhecê-la de maneira intrusiva. Instintivamente, gritou:

– Sai já da minha cabeça!

– Como queira... – respondeu a mesma voz que falara antes, deixando que surpresa transparecesse em seu tom.

A visão tornou-se nítida novamente assim que a sonda mental parou sua invasão. O corvo voou em sua direção, e ela atirou, dando um passo para trás. Um borrão preto envolveu a imagem do pássaro, e em seguida, sua silhueta expandiu-se, tornando-se humana. A pelugem preta foi substituída por uma calça, blusa e um sobretudo da mesma cor. Cachos castanhos ajeitaram-se em sua cabeça, dando-lhe uma imagem angelical.

Como eles haviam se aproximado sem que suas premonições fossem acionadas? Adrenalina tomou seu corpo. Seus sentidos vibraram com êxtase, aguçados pelo perigo. O barulho de passos chamou sua atenção e imediatamente virou-se, deparando-se com outro inimigo. Este, ela conhecia bem. Trian Callaghan, seu alvo.

– Você provavelmente está se perguntando como conseguimos driblar os seus truques... – sua melódica voz disse de forma acusadora, com um sorriso nos cantos dos lábios – Admito que fiquei um tanto intrigado com sua capacidade de fuga. Chegávamos sempre minutos depois. Ainda era possível sentir o seu cheiro no ar.

Os olhos eram azuis, tão claros quanto o límpido céu de verão. Cabelos loiros avermelhados escorriam sob a nuca, alcançando um pouco abaixo de seus ombros. Os finos fios oscilavam com o vento gelado de outono, tocando sua alva face enquanto ele me encarava. A palidez realçava seus traços fortes. O longo nariz, os lábios carnudos e as maçãs de suas bochechas pareciam a combinação perfeita de tentação e prazer.

– Esta em nossa natureza a violência... o desejo... a fome. Foi muito difícil entender o que a repelia, até que... nada aconteceu quando mandamos alguém vigiá-la. Continuou seu caminho, sem fugir. Uma grande surpresa, eu diria. – continuou o homem alto, com aparência de no máximo vinte e sete anos.

Um borrão cruzou a visão de Alyssa. Em um piscar de olhos, Trian encontrava-se diante dela, centímetros separando seus corpos. O longo dedo indicador tocou a franja da mulher, colocando-a gentilmente atrás de sua orelha. Respirando fundo, ela procurou controlar-se. Era difícil resistir ao charme daquele homem, no entanto, sabia que este era fruto da mesma sonda mental que tentara invadi-la anteriormente.

Caso queira dar sua opinião ou ser notificado quando esta obra for atualizada, envie um e-mail

para: larissa@larissacaruso.com

Desviando o olhar, procurou concentrar-se em outra coisa. Precisava encontrar uma saída antes que a encurralassem completamente. A mão segurando a pistola mantinha-se firme, sabendo que aquela era sua única salvação. Com cada minuto, tornava-se mais difícil resistir a aquele ser. Uma vontade louca a possuía. Queria oferecer sua boca, seu corpo, seu pescoço a ele. Queria senti-lo mais próximo, sufocando-a de prazer.

O mundo congelou ao seu redor e um clarão a cegou. Mentalmente, ela xingou a inoportuna premonição, que a tirara de seus braços.

Assim que minha visão retornou, estava diante do mesmo cenário. Sabia que seria questão de minutos antes que esta premonição se tornasse real. Trian fitava-me, acariciando minha pele. Sentia-me imóvel perante sua presença, incapaz de reagir. Sua voz doce pediu, em um tom que deixava pouco a questionar:

– Diga-me como consegui nos evitar por tanto tempo, *leannán*¹.

Meus lábios moveram-se, prontos para revelar o segredo que guardava a sete chaves. Cenas passadas reprisaram em minha mente, mostrando-me o perigo de tal decisão. Forcei minha mente a concentrar-se, ignorando o pedido feito. Mordi o lábio inferior, causando-me dor para libertar-me daquele feitiço maligno que confundia o bom senso. Aos poucos, percebi o controle retornar. Estava livre de sua influência. Seu olhar, no entanto, mostrava-se irado com minhas ações. Senti neles a determinação de alguém acostumado a ter suas vontades atendidas.

– Vejo-me forçado a tomar tal ação.

Violentemente, sua mão agarrou minha cabeça e inclinou-a para o lado. Trian abriu a boca, e fui capaz de ver os caninos afiados que se direcionavam ao meu pescoço. Um grito escapou meus lábios ao sentir a dor de minha pele sendo rasgada e de meu sangue sendo sugado.

Sobressaltada, respirou fundo ao voltar para a realidade. Seus olhos fitavam os de Trian, observando-o com uma pitada de medo e desespero. Agora sabia que não havia mais saída. Como se, para confirmar seus pensamentos, o homem-corvo posicionou-se atrás de Alyssa, colocando as mãos sobre seus ombros. Precisava colaborar se não quisesse ser mordida. Por algum motivo, sabia que isto representaria um perigo ainda maior.

O loiro observou-a com curiosidade, notando a mudança em sua fisionomia. Ela não se sentia mais atraída àquele homem. Estava ocupada demais agora. Lutava contra a dor latejante em seu pescoço, e procurava, desesperadamente, uma saída para a situação em que se encontrava. Pela primeira vez, sentia medo.

– Medo... – disse alguém a sua direita, parecendo deliciar-se com a palavra.

Imediatamente, focou seu olhar na direção da voz. Para sua surpresa, viu outro homem próximo a ela. Ele a observava, inalando o cheiro de sua pele, com prazer estampado em sua face. Todos se divertiam, menos ela.

¹ Leannán: coração ou doçura, em Irlandês.

– Como consegue, uma reles mortal, resistir a mim? – perguntou Trian, retoricamente e inclinando sua cabeça, tocou a orelha da mulher com os lábios, sussurrando – Diga-me, o que mudou, garota?

Um arrepio percorreu a espinha de Alyssa, deixando-a vulnerável momentaneamente. Sentiu o desejo voltando, aos poucos, tomando sua razão como prisioneira. A vontade de fazê-lo feliz enchia seu coração. Ela queria revelar cada detalhe de sua vida para ele, mesmo aqueles menos interessantes.

Não! gritou uma voz em sua mente, protestando contra aqueles sentimentos. Virando seu rosto para o lado oposto, livrou-se do toque daquele homem que a confundia de maneira profunda e excitante.

– Ela esta escondendo algo, chefe... – disse o homem a sua direita, aproximando-se ainda mais.

– Ah! – exclamou Trian com um olhar intrigado – Como senti falta de um bom desafio...

Seus subordinados riram ao verem o sorriso frio que apareceu no rosto do homem loiro. Os dedos gélidos do empresário tocaram o queixo de Alyssa, forçando seu rosto a encará-lo sem nenhuma dificuldade.

– Mmm... seu cheiro é tão delicioso... – disse o homem, deixando que seus caninos afiados aparecessem com o sorriso.

Um leve burburinho formou-se ao redor da mulher, concordando com aquela afirmação. Instintivamente, ela tentou dar um passo para trás, mas sentiu o tórax do homem-corvo contra seu corpo, impedindo-a de qualquer outro movimento. Aproveitando o espaço dado por ela, Trian aproximou-se ainda mais, fazendo que seus corpos se tocassem. Com sua voz doce, ele pediu, em um tom que deixava pouco a questionar:

– Diga-me como conseguiu nos evitar por tanto tempo, *leannán*.

Seus lábios moveram-se, prontos para revelar o segredo que guardava a sete chaves. Cenas passadas reprisaram em sua mente, mostrando-lhe o perigo de tal decisão. Apesar de saber o que aconteceria se decidisse resistir, algo lhe orientava para fazê-lo, com urgência.

Respirando fundo, Alyssa procurou concentrar-se, repudiando aquele que procurava domá-la mentalmente. Trian a observava, com um meio sorriso em seu rosto. Inclinando a cabeça levemente para o lado, seu olhar tornou-se mais concentrado. Ao mesmo tempo, ela sentiu a dor na têmpora que a invisível sonda mental lhe causara anteriormente.

Uma idéia brotou em seu desespero, deixando-a esperançosa. Outra visão levou-a para longe, novamente indicando que seu plano falharia. Quando retornou a realidade, sentiu-se derrotada. Acolheria a morte. Não adiantava mais resistir. Deixando que a arma escapasse de sua mão, inclinou a cabeça para expor o pescoço a seu inimigo.

– Vá. Faça aquilo que tanto quer... morda logo meu pescoço e tome meu sangue. – disse a loira em um tom resignado.

Trian arqueou as sobrancelhas, observando-a com curiosidade. Sua mão tocou a delicada pele do pescoço da mulher, acariciando-lhe com delicadeza inesperada. Alyssa sentiu seu coração acelerar, sabendo que o momento fatal se aproximaria. Presenciou a

Caso queira dar sua opinião ou ser notificado quando esta obra for atualizada, envie um e-mail

para: larissa@larissacaruso.com

mordida em uma nova premonição, dessa vez, sabendo que lhe restava menos de um minuto para o fim de sua vida.

Fechando os olhos, ela esperou pelo momento em que a morderia. O homem pressionou os lábios contra a sua pele, beijando-a. Um leve gemido de prazer escapou da garganta da loira. Não imaginava que a morte poderia ser tão doce. Queria estender este momento por toda a eternidade, se possível.

Seguido do prazer de seu toque, veio também a dor. Sentiu seu pescoço sendo rasgado pelos afiados caninos daquele que a tomava. Os joelhos enfraqueceram-se enquanto a força vital de seu corpo deixava-lhe aos poucos. As visões nunca estavam erradas. Sabia que este seria seu fim.

CAPITULO DOIS

Caso queira dar sua opinião ou ser notificado quando esta obra for atualizada, envie um e-mail

para: larissa@larissacaruso.com